

Artefatos e narrativas: a sustentabilidade abre espaço para a criação de histórias

Nayara Elisa Costa da Conceição¹
Shaula Maíra Vicentini de Sampaio²

Resumo: Quantos modos existem para narrar a sustentabilidade? Quais modos utilizamos para fazer pensar sustentabilidade? O campo teórico dos estudos culturais nos faz entender que podemos ter inúmeras possibilidades e não um roteiro pronto para pensarmos diferentes conceitos e práticas. Este artigo apresenta a construção e os resultados de uma das atividades promovida nas oficinas que foram a escolha metodológica de uma pesquisa de mestrado em educação, a qual, se centrou em pensar-fazer outras práticas com tema sustentabilidade. A partir da produção de artefatos culturais produzidos pelos participantes das oficinas, a criação de histórias se mostrou um caminho fértil para análise desses artefatos. A partir de conceitos como narrativas ficcionais (Reigota, 2003) e ecologia menor (Godoy, 2008) foi possível vislumbrar a sustentabilidade como experimentação, desmontagens e invenções. Trazendo a possibilidade de pensarmos outras sustentabilidades que não àquelas tão ligadas ao conservacionismo. É falar em sustentabilidades mais cotidianas, potentes e singulares.

Palavras chave: artefatos, sustentabilidade, educação ambiental, narrativas, estudos culturais

-
- 1 Mestra em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF, professora de Biologia da rede estadual de ensino do estado de Goiás nayaraelisaconceicao@gmail.com;
 - 2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, professora adjunta da Universidade Federal Fluminense shaula.maira@gmail.com.

Introdução

Esse texto deriva de uma pesquisa de mestrado. O estudo tinha como objeto as imagens de sustentabilidade que nos acessam no cotidiano buscando investigar o que essas imagens disparam e narram sobre sustentabilidade e os sentidos que isso produz nos sujeitos. Uma investigação inspirada pelo referencial teórico dos estudos culturais em seu encontro com a educação, mais especificamente com a educação ambiental pós – crítica. Essa pesquisa se propôs a pensar sobre os modos como a sustentabilidade nos acessa hoje em formas de imagens e em seus diferentes meios e espaços (jornais, televisão, propagandas, filmes etc) estando entrelaçada pelas práticas culturais e em constante construção de sentidos. Com esse arcabouço teórico, a ideia foi realizar oficinas com três turmas de graduandos de diferentes cursos da Universidade Federal Fluminense (UFF) com o objetivo de, a partir de atividades propostas, obter imagens de sustentabilidade do cotidiano de cada aluno participante das oficinas. Além dessas produções, os estudantes foram convidados a elaborar um artefato cujo tema central fosse a sustentabilidade. Eles poderiam produzir qualquer artefato (revista em quadrinho, poema, música, desenho etc), desde que versassem sobre sustentabilidade. Essas oficinas nos possibilitaram entender que a sustentabilidade narrada em imagens está sempre envolta de múltiplas possibilidades de sentidos. Esse olhar nos possibilitou criar por entre imagens, produções e narrativas que enredam essa pesquisa, uma sustentabilidade que se dá com/ no e através do cotidiano. Neste movimento, as imagens, as histórias e os artefatos produzidos nesse trabalho nos levaram a construir uma noção de sustentabilidade mais próxima de nós, com mais afeto, mais porosa e permeável.

No presente artigo nos ateremos a contar a construção e os resultados da última atividade realizada pelos participantes das oficinas: a produção dos artefatos. E como a partir dessa proposta outros conceitos foram sendo trazidos para a dissertação e outros sentidos foram sendo construídos. Foi através dos artefatos elaborados pelos estudantes que vimos a autora do trabalho se tornando, ao final da dissertação, uma contadora de histórias, assim como os participantes das oficinas foram durante toda a pesquisa realizada. De acordo com Reigota (2003), as narrativas ficcionais não são assertivas, mas sim construções de novos mundos com diferentes possibilidades de sentidos. Aqui, daremos destaque e mostraremos como as composições e os sentidos foram sendo criados com os artefatos produzidos pelos estudantes nas oficinas e as histórias (narrativas ficcionais) produzidas pela

pesquisadora a partir desses artefatos. Então, aqui se entrelaça pesquisador e participantes das oficinas, cada um com sua produção, dando como resultado final “narrativas ficcionais sustentáveis”.

De artefatos a coincidências

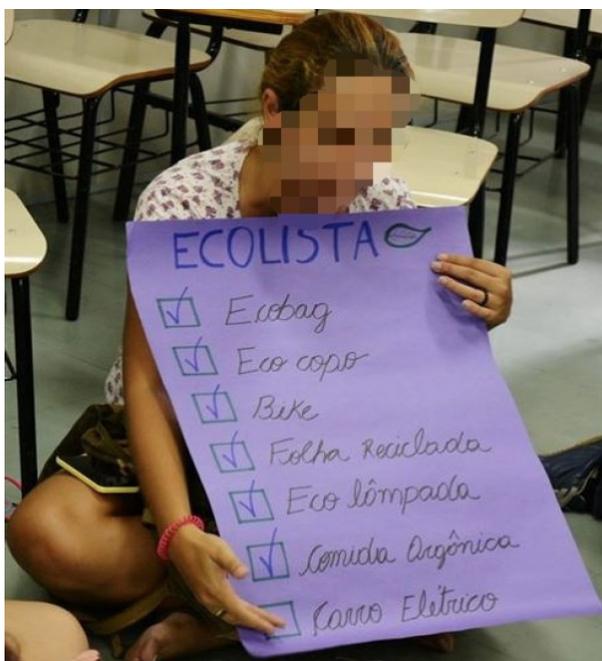
Nessa seção iremos abordar a produção de artefatos que os alunos fizeram nas oficinas. Como já dito nesse trabalho, os alunos de três turmas de graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF) foram convidados durante a oficina a se dividirem em grupos e produzirem artefatos cuja sustentabilidade fizesse parte da ideia central. Poderia ser qualquer artefato: capa de revistas, jornais, desenho, música etc. A única exigência era que eles falassem sobre a centralidade da sustentabilidade.

A análise desses artefatos em uma pesquisa que é inspirada pelos estudos culturais teria que ser potente, mais ensaística do que assertiva, pois esse referencial teórico nos inquieta mais com as perguntas do que procurando respostas certas e concretas. É um campo teórico multifacetado e diversificado nas investigações e práticas. Não busca definições e descrições verdadeiras, nem fazem perguntas essencialistas com explicações para acontecimentos e processos, mas sim atentam para o modo construcionista de lidar com a realidade, dando a devida relevância para a cultura (VEIGANETTO; WORTMANN, 2001). A posição de expor as análises do trabalho com um olhar mais de experimentação trouxe diferentes possibilidades de encontros, percepções e indagações na pesquisa. É a forma como escolhemos lidar com o objeto de pesquisa, uma forma de pensar no papel que a linguagem e a imagem têm, levando a sério a cultura e compreendendo que ela nos cerca e nos molda como sujeitos (HALL, 1997).

Com isso, os artefatos dos participantes não poderiam perder suas potências narrativas. Inspiradas por Carrascoza (2016), Reigota (2003) e Guimarães (2015), compreendemos que em uma narração momentos discretos e atos são contextualizados e fazem parte de uma história. E por mais que uma história se baseie em “fatos reais” ela é uma narrativa ficcional. Uma narrativa que se aproxima da ficção, pois ela se caracteriza pela “memória” disponível sobre algum evento e os seus desdobramentos (REIGOTA, 2003). Reigota, citando Hopper, afirma que as histórias, as narrativas são “ilhas de significados” que servem para identificar a si próprio e aos outros, e acrescenta que “contar (narrar) histórias é a forma como os seres humanos ‘colocam ordem no universo’ (HOPPER *apud* REIGOTA, 2003, p. 80).

Então, inspirada por tais textos e autores, os artefatos produzidos pelos alunos serão analisados a partir de narrativas ficcionais feitas pela autora da dissertação. Contaremos uma história para cada artefato baseada nas ideias que os estudantes tiveram para produzir tais artefatos. As imagens dos artefatos, o áudio no qual os alunos contam o processo de produção de seus artefatos são subsídios para criarmos nossas próprias narrativas desses artefatos. Guimarães (2015) afirma que “imagens evocam narrativas que, por sua vez, propiciam a invenção de outras imagens. Essa relação íntima entre imagem e narrativa potencializa uma ampliação das possibilidades de ver (...)” (p. 117). Com isso, esperamos que as narrativas ficcionais produzidas por nós a partir das imagens dos artefatos propiciem novas imagens, novas histórias e inventividades com a sustentabilidade.

Figura 1 - Ecolista: primeiro artefato produzido pelos graduandos na oficina.
 “Natureba”



Clarinha sempre foi a típica sonhadora. Em sua faculdade era aquela que olhava para a janela aberta ao seu lado ao longo das aulas e divagava, viajando por vários lugares. Sempre estava sorrindo e de bem com a vida. Clarinha sonhava com um mundo melhor, menos violento, com menos desigualdade social e mais sustentável. E suas escolhas reverberavam essa visão

para o mundo que ela tinha. Por conta delas, era chamada de natureba. Clarinha só comia produtos orgânicos, plantava vários alimentos que consumia. Até leite fazia de amêndoas, acredita? Estava sempre andando por aí com sua bicicleta e o cabelo livre balançando ao vento. Na sua cestinha da bicicleta, enfeitada com flores artificiais, não faltava uma **ecobag** sempre a postos para o que Clarinha resolvesse comprar e transportar. Ah, não posso esquecer-me de seu copo de estimacão. Sempre dentro da mochila esperando-a para beber seus 2 litros de água por dia. Era a típica “menina sustentável”, como todos comentavam. Suas escolhas de vida sempre eram em torno da preocupação com o meio ambiente. Só utilizava lâmpadas de **led**, folhas recicladas ou nem imprimia nada, lia online mesmo. Até produzia os seus próprios produtos de beleza! Ela fazia desodorante, xampu, sabonetes, tudo natural. Mas o sonho maior de Clarinha era aquele carro pequenininho (igual a ela), branco, elétrico que ela sempre via nas redondezas de sua casa. Quando o carro passava, Clarinha sempre dava um suspiro e viajava em sua mente como nas aulas da faculdade.

Um dia, Clarinha estava no mercado perto de sua casa, com as compras nas mãos, já na fila do caixa e mais uma vez distraída percebe uma voz alta perto dela. Clarinha volta a si e para todo o seu contexto de compras, mas sem muito entender o porquê da gritaria. Quando se deu conta da situação, entendeu que quem gritava era um homem, de uns 35 anos, furioso porque o mercado não fornecia sacolas retornáveis. O homem tinha com ele algumas, mas suas compras não couberam nessas que ele trazia, por isso queria comprar mais uma, mas o mercado não tinha nem para vender. E aquele homem, de 35 anos, bem arrumado, se recusava a colocar suas compras em sacolas plásticas. Clarinha pensou: “ele não faz o estilo hippie sustentável e natureba”, e ficou olhando a cena. Passaram-se alguns minutos, todos da fila já estavam inquietos com aquela situação, quando um funcionário do mercado surgiu com uma sacola retornável e entregou ao homem. Clarinha não sabia de onde tinha surgido aquela sacola. Ninguém sabia, mas ela apareceu. O homem foi embora resmungando o tal absurdo. Chegou a vez de Clarinha, ela passou as compras, colocando-as todas em sacola retornável, aquela que sempre fica na cestinha da bicicleta, pagou e saiu do mercado. E enquanto ajeitava suas compras em sua bicicleta, aquele carro elétrico, branco, que sempre a fazia suspirar, saiu do estacionamento do mercado. Clarinha olhou e viu que aquele homem que reclamara dentro do mercado, com uma aparência nada próxima do estereótipo do “ambientalista”, todo bem vestido, era o dono do carro dos seus sonhos. Clarinha suspirou, divagou mais uma

vez. Pegou suas compras, subiu na sua bicicleta e foi embora com seus cabelos livres ao vento, sonhando enquanto pedalava.

Figura 2 – Urna mortuária: segundo artefato produzido pelos graduandos na oficina. “Poemas”



Clarinha, ela mesma - a da bicicleta, dos cabelos esvoaçantes, dos sonhos - em mais uma de suas viagens com os pés fixos em solo firme divaga sobre o nosso fim nesse planeta. Como será esse fim? “Há um mundo por vir?” Pergunta que intrigava Clarinha e era o título do último livro que ela havia lido recentemente. Seria uma catástrofe ou algo mais espiritual? Enquanto vinham diferentes hipóteses em sua cabeça, outros pensamentos permeavam sua mente também. Lembrou-se da famosa frase de Khalil Gibran: “árvores são poemas, que a terra escreve para o céu. Nós a derrubamos e as transformamos em papel para registrar todo nosso vazio³”. Seu pensamento foi do fim do mundo ao fim do homem (a morte) em segundos. Ela ficou com “árvores são poemas” na cabeça por alguns minutos. E logo pensou que ela mesma queria se fazer poema. Mal sabia Clarinha que ela já era poema. Mas ela ficava se perguntando: como se fazer poema? Em mais uma de suas ideias imaginou o seu próprio fim e pensou que não queria ser enterrada de qualquer forma. Ela não queria isso. Não mesmo. Sabendo

³ Frase inscrita nesse artefato, que tem uma urna mortuária desenhada.

que a vida no mundo se entrelaça e que o ser humano faz parte disso tudo ela se imaginou virando árvore. Teve a ideia de uma urna mortuária diferente, com película biodegradável, toda sustentável, e que dela poderia vir a nascer uma árvore, um poema. Para Clarinha, cada urna mortuária deveria ser sinônimo de geração de vida. Uma vida se vai, outra vida nasce. E cada vida, um poema. E nasceria, então, uma bela árvore. Clarinha sorriu, olhando pela janela e vendo as plantas balançarem. Ouviu um chamado, era sua professora lhe fazendo uma pergunta sobre o conteúdo, do qual ela não tinha ouvido nada durante, no mínimo, trinta minutos.

Figura 3 – Água rara: terceiro artefato produzido pelos graduandos na oficina.
“Planeta água”



“Vista de longe a Terra é pura água, mas não é água pura. Essa é rara e cada vez mais cara” (Ricardo Arnt⁴). Clarinha ficou com essa frase na cabeça do livro que tinha acabado de ler desse autor que é engenheiro de recursos hídricos. Clarinha adora ler. Nesse dia em que lembrou tal frase, estava indo passar o final de semana em uma cachoeira na cidade vizinha. Ela e os amigos sempre alugavam um camping. Olhando pela janela do carro, via a paisagem passar ansiosa por chegar ao seu destino final. Aquela cachoeira falava muito sobre Clarinha. Era um dos seus lugares preferidos no planeta.

⁴ Essa é a frase inscrita no artefato da foto acima.

Aquela água gelada a acalmava, parecia abraçar e fazer um bem danado à alma. Clarinha sempre teve uma ligação muito forte com a água. Amava nadar e aprendeu sozinha muito nova. Adora o mar, rios, piscinas e especialmente cachoeiras. Ela diz que a cachoeira parece que cai do céu e te conecta com ele. Clarinha adora cachoeiras por estarem envoltas pela mata, pelo verde. Lá, para ela, se respira melhor, se vive melhor. Ela sabe dessa conexão que tem com a água. É algo que mexe muito com ela. Sabe que lhe faz bem, mas pensa também em toda poluição e uso indiscriminado que fazemos dela. E pensando nisso tudo no caminho para a cachoeira, por um segundo, se entristeceu. Mas não deu muito tempo da tristeza entrar na alma: chegou à cachoeira antes que isso acontecesse. Clarinha olhou para a água caindo e seus olhos brilharam. Montou sua barraca rapidamente com os seus amigos e ficou louca para dar um mergulho logo. Entrou na água, nadou, brincou, ficou ali embaixo da queda por longos minutos. Depois de desfrutar daquele momento foi buscar sua toalha, pois estava sentindo frio. Sentou em frente à barraca e ficou ali olhando para longe, olhando para aquele sítio que ela nunca se cansava de admirar. Outro sonho de Clarinha era ter um sítio. Um sítio com uma horta enorme, com muitos bichos e árvores. Igual àquele que ela tanto adorava. Nesse dia, Clarinha notou algo diferente. Havia um carro estacionado no sítio que ela nunca tinha visto lá. Ficou com a sensação de algo familiar, mas não soube responder àquela impressão que tinha sentido. O sítio era longe dali, não dava para ver com nitidez todas as coisas. Mas ela tinha certeza que aquele carro lhe trazia alguma mensagem, tinha algum significado para ela. Mas disse a si mesma: “larga de bobeira, menina”. Um amigo que estava próximo perguntou: “Está falando sozinha, Clara?” Ela sorriu e se levantou rapidamente indo em direção ao amigo para entrarem novamente na água.

Notas de uma conclusão inquietante

As narrativas juntamente com as imagens nos transportam para outros ambientes, outras personagens e tempo. Uma forma de pensar e falar sobre ecologias e sustentabilidade que Godoy (2008) chama de *ecologia menor*. Godoy (2008) “toma a ecologia como um processo e não mais como a solução de um problema” (p.62). Para a autora, é importante eliminar a ideia de desenvolvimento a partir de um tema central que progrediria e evoluiria até chegar a sua resolução final. Para Godoy (2008, p. 62): “se a variação é invenção permanente, a ideia, entendida como multiplicidade, é atualizada de diversas maneiras, sem que com isso se esgote o campo problemático”. É

pensar a ecologia como um movimento, um processo, um “estar a caminho”. A autora afirma ainda que hoje se atribui à ecologia, por meio do conservacionismo, o papel de guardiã e salvadora. “A ecologia maior é o estudo da casa como viabilidade de conservação do Mesmo” (GODOY, 2008, p. 151). Contudo para a ecologia menor a casa não pode ser sinônimo de consolo, conforto, santuário guardado por sentinelas, mas sim como invenção que desestabiliza. Ela pode funcionar de outra maneira que não na conservação. É desacerto e instabilidade. É ocupar-se dos modos de invenção do novo, aspectos dos modos de existência nessa casa. Para a autora:

As ecologias que a vida produz dizem respeito a outros modos de sentir e pensar, de se relacionar, outros modos de existência para além da conservação – que já não é só a da espécie para reprodução, mas de um pensamento que atribui à vida esta finalidade -, que abalam a casa ao habitá-la como estrangeiro, investindo-a da força de um arquipélago⁵ para fazer coexistirem as diferenças “sem lei e sem rei”. Vontade que arrisca, potência de invenção que experimenta todas as forças habitantes do corpo-casa, abrindo-se para outras e tantas formas de coexistência irreduzíveis à virulência das unificações, e que apontam outros modos de encarar a relação com o outro (GODOY, 2008, p. 152).

A ideia de Godoy é sempre inventar, arriscar e assim poder experimentar de todas as formas de existência nesse mundo. É não se colocar em lugar confortável e estar sempre em movimento, em descoberta. O que Godoy apresenta e, de certa forma, propõe é difícil. E não apenas em oficinas que vamos conseguir ensaiar uma ecologia menor. Fomos inspirada pela a autora e seu texto na composição das oficinas. Porém, afirmar que essa noção foi potencializada durante a realização das oficinas seria muita pretensão da nossa parte. Mas, ainda assim, esperamos ter apresentado para os participantes outras ecologias que a vida inventa. Algo sem finalidade e territorialidade. Mostrar outras possibilidades de se falar com as imagens e com a sustentabilidade. Uma sustentabilidade que traz histórias, invenções, singularidades e afetos. E que está longe da vontade da verdade. Esperamos ainda que, todos que participaram dessas três oficinas, tenham

5 Para Godoy (2008) um arquipélago não possui um elemento unificador como o continente. As ilhas não se equivalem e há bordas por todos os lados, meios e entre-meios. É uma multiplicidade de percursos imprevisíveis.

experimentado os riscos de uma invenção de fuga. Uma fuga que combate “a universalidade de conhecimento, a crença nas verdades derradeiras, nas certezas imediatas e na penetrabilidade da natureza” (GODOY, 2008, p. 300). Uma fuga que traz tantas outras formas de pensar e narrar a sustentabilidade, ou melhor, as sustentabilidades.

Com isso, percebemos que a sustentabilidade também se dá no cotidiano e no afeto e que para a *menor das ecologias* inexistente um mundo verdadeiro, de verdades indiscutíveis. E que é preciso pensar a sustentabilidade para além da solução dos problemas ambientais (o que também é importante), como forma de desestabilizar pensamentos, provocar invenções, desmontagens e fugas. Pensar uma *sustentabilidade menor*.

Agradecimentos e Apoios

Agradecemos ao CNPq pela bolsa concedida durante os dois anos da realização dessa pesquisa.

Referências Bibliográficas

CARRASCOZA, João Anzanello. **Diário das Coincidências: crônicas do acaso e histórias reais**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A (in) sustentabilidade da imagem. Revista Experimentar. Ano 1 – Número 1 – jul./dez 2015.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo**. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre, RS, v. 22, n, 2, p. 15 – 46 jul/dez. 1997.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Editora Unisc. 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **Estudos Culturais da Ciência e Educação**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.